

Aula 6

GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS

METAS

- Apresentar o conceito, as características, a funcionalidade e a diversidade dos gêneros textuais.
- Identificar a importância do suporte material de circulação dos gêneros como o lugar físico ou virtual em que os textos se materializam e se revelam.
- Abordar os domínios discursivos de produção, circulação e recepção de textos como espaços em que os gêneros são elaborados e compreendidos.
- Discorrer sobre o domínio discursivo acadêmico e as características e funções dos textos que circulam nesse contexto.

OBJETIVOS

- Ao final desta aula, o aluno deverá:
 - Compreender que os gêneros textuais estão presentes em todas as esferas da atividade humana, sem os quais a comunicação verbal não se realiza.
 - Estabelecer a relação entre gênero, seu contexto de produção e o suporte no qual está inserido.
 - Entender que os gêneros são práticas sociais e linguísticas e podem exercer diferentes funções sociocomunicativas a partir do domínio discursivo em que são produzidos e circulam.
 - Reconhecer o ambiente acadêmico como lugar de produção do conhecimento e de um discurso bastante peculiar, no qual transitam gêneros textuais específicos.

PRÉ-REQUISITOS

- Ter realizado as aulas 4 e 5 desta disciplina.

Renata Ferreira Costa

INTRODUÇÃO

Caro/a estudante,

Nas duas últimas aulas, você entrou em contato com as especificidades da leitura e da escrita de gêneros acadêmicos, assim como pôde se inteirar da dimensão argumentativa dos textos que são produzidos e circulam no contexto universitário. Essas aulas abordaram conceitos importantes e promoveram reflexões pertinentes a respeito do universo das práticas sociais circunscritas ao meio acadêmico, que, devido ao seu rigor científico e à sua complexidade, demandam um alto grau de especialização, o que podemos chamar de **letramento acadêmico**.

Ver glossário no final da Aula

Esta aula tem como finalidade continuar contribuindo para a promoção e o desenvolvimento de suas habilidades leitoras e de produção textual, de modo a vencer o desafio que você e seus colegas universitários encontram ao se adaptarem a novas formas de acesso, compreensão e divulgação do conhecimento científico-acadêmico. Desta forma, aqui, dedicamo-nos ao estudo dos gêneros textuais e, mais especificamente, dos gêneros textuais do domínio discursivo acadêmico.

Vamos lá?!

LINGUAGEM:

capacidade de comunicação dos seres humanos

Telefonar para alguém, fazer uma videochamada, enviar e receber mensagens via Whatsapp, postar um textão no Facebook, escrever uma legenda impactante em uma foto de viagem postada no Instagram, bater um papo com um amigo, ler uma notícia de jornal, preparar uma lista de compras, fazer algum comentário sobre a situação econômica do país, apresentar os resultados de uma pesquisa em um evento científico. Você já praticou alguma dessas ações hoje? Certamente que sim! Afinal de contas, todas elas representam formas de comunicação. Nesses casos, usamos a língua, em sua modalidade oral ou escrita, para nos relacionarmos com outras pessoas, expressar nossos desejos e sentimentos, expor o que pensamos, acessar e transmitir informações e produzir e compartilhar conhecimento. Torna-se evidente, então, que a linguagem esteja presente em todas as atividades humanas e seja extremamente importante para que os sujeitos se integrem à vida em sociedade, sendo capazes de interagir com seus semelhantes. A esse respeito, o linguista **Hjelmslev (1975, p. 1-2 apud FIORIN, 2013, p. 14)** destaca que:

Ver glossário no final da Aula

[...] A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. [...]

Quando nos comunicamos, podemos nos expressar por meio de signos verbais, a linguagem verbal, e através da linguagem não verbal, como desenhos, gestos, movimentos, sons, cores etc. É evidente que na Sociedade da Informação na qual estamos inseridos, influenciada cada vez mais pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a mescla desses tipos de linguagem, representada em textos multimodais, também chamados multissemióticos, seja característica bem presente dos textos que circulam nas diversas esferas sociais do século XXI.

CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DOS TEXTOS: os gêneros textuais

No que se refere especificamente à comunicação verbal, Bakhtin (2016, p. 12) declara que ela se efetiva por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (grifo do autor), denominados de gêneros do discurso. Como estão presentes em todos os campos da atividade humana, reconhece-se que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Assim, nossas práticas cotidianas orais e escritas (e, por extensão, leitoras) sempre partem de textos realizados em algum gênero textual, tal como e-mail, post, bilhete, carta, blog, monografia, formulário, conversa informal, comunicação oral, horóscopo, receita culinária, manual de instrução, conto, poema, romance, verbete, outdoor, anúncio publicitário, notícia de jornal, resumo etc.

A diversidade das ações humanas demanda dos sujeitos práticas comunicativas também diversificadas; por isso, os exemplos elencados acima são apenas alguns dentre a infinidade de gêneros que existe. Segundo Marcuschi (2010, p. 19),

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar

a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Quando escreve que os gêneros textuais são “fruto de trabalho coletivo”, Marcuschi quer dizer que a comunicação se dá com e para o outro, uma vez que o seu propósito é sempre atingir o outro, porque a linguagem é interação verbal, é dialogismo (BAKHTIN, 2003). Assim, com base na situação comunicativa na qual se encontram, os sujeitos escolhem o gênero textual mais adequado e mais eficaz aos seus propósitos, o que também vai orientar suas escolhas textuais-discursivas e gramaticais.

Podemos dizer, então, que os textos que produzimos diariamente apresentam conteúdos temáticos, composicionais e estilísticos que os caracterizam e os distinguem, uma vez que, como apontam Vieira e Faraco (2019, p. 89), “são concretizados em gêneros textuais diferentes”. Cada gênero se organiza a partir de uma construção composicional específica, ainda que flexível, o que indica que peculiaridades estruturais e linguísticas de um gênero provavelmente não aparecerão em outros gêneros, por serem “formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Observe, por exemplo, o gênero diário, que é escrito por um sujeito que se põe diante de si mesmo para relatar fatos e acontecimentos de seu dia a dia e expressar ideias, emoções e desejos, em tom confessional. Nesse caso, como o emissor e o interlocutor exercem o mesmo papel, são a mesma pessoa, a linguagem utilizada costuma ser coloquial, com predomínio da primeira pessoa, inscrição da data de escrita do relato e, geralmente, uso do vocativo “querido diário”, “meu diário” ou “meu querido diário”, ou até mesmo um nome próprio, tendo o diário como interlocutor.

Veja, a seguir, trechos de dois diários consagrados na literatura mundial e nacional:

Sábado, 11 de julho de 1942.

Querida Kitty,

Papai, mamãe e Margot ainda não conseguem se acostumar ao barulho do relógio da Westertoren, que bate a cada quinze minutos. Eu não, gostei desde o início; parece muito tranquilizador, especialmente à noite. Você sem dúvida quer ouvir o que acho sobre estar escondida. Bom, só posso dizer que ainda não sei direito. Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É mais como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio estranho de ver a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são. O Anexo é um lugar ideal para se esconder. Pode ser úmido e torto, mas provavelmente não há esconderijo mais confortável em Amsterdã. Não, em toda a Holanda. [...]

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. Tradução: Ivanir Alves Calado. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 36.

2 de maio de 1958 Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.

... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.

... Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doíam tanto que eu não podia andar. Começou a chover. Eu ia na Delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos está com 9 anos.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 25.

Os exemplos acima elencados – **O Diário de Anne Frank**, de Anne Frank, e **Quarto de Despejo**, de Carolina Maria de Jesus – são dois textos diferentes; um escrito entre os anos de 1942 e 1944, por uma menina judia-holandesa de 14 anos, que relata seus dias escondida em um pequeno espaço, dividido com outras sete pessoas, para tentar sobreviver aos horrores da Segunda Guerra Mundial; o outro é a descrição do cotidiano de uma mulher brasileira pobre, catadora de papel, que vive em uma favela da cidade de São Paulo da década de 1950. Apesar da diferença do contexto socio-histórico e cultural de produção desses textos, eles possuem padrões composicionais e sociocomunicativos que os definem como pertencentes ao gênero diário.



ATIVIDADE

Caro/a aluno/a, para reforçar a aprendizagem do conteúdo, realize a atividade “Associando situações do cotidiano a gêneros textuais” disponível no AVA/Moodle.

CIRCULAÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS: os suportes materiais

Os textos não são apenas portadores de conteúdo, eles também existem em sua materialidade, ou, como afirma **Kastan (2001, p. 118 apud CHARTIER, 2007, p. 13)**, “nenhum texto existe fora das materialidades que o dão a ler ou ouvir”. Desta forma, para que um texto circule na sociedade, é necessário que ele esteja materializado, física ou virtualmente,

Ver glossário no final da Aula

em um suporte ou portador, uma vez que cada suporte veicula “gêneros específicos de texto, exigindo, portanto, formas específicas de leitura”, como destaca **Magda Soares (2001, p. 35)**.

Ver glossário no final da Aula

Muitas vezes, o conteúdo de um texto não muda, mas “o gênero é sempre identificado na relação com o suporte.” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). Assim, um “Eu te amo” escrito em um pedaço de papel na porta da geladeira, pode ser um bilhete; se for exposto em um outdoor, pode fazer parte de um anúncio publicitário, e se estiver gravado no corpo humano, pode ser uma tatuagem.



Inscrição “Eu te amo” em um pedaço de papel
Fonte: Autoria própria.



Inscrição “Eu te amo” em um outdoor
Fonte: Autoria própria.



Inscrição “Eu te amo” em uma parte do corpo humano
Fonte: Autoria própria.

Na sociedade contemporânea, podemos encontrar vários tipos de suporte, que se manifestam oralmente ou por meio da escrita manuscrita, impressa ou digital: celular, rádio, televisão, correios, livro, jornal, revista, outdoor, embalagem, folder, internet, paradas de ônibus, fachadas, mala direta etc. Qual gênero textual e que tipo de suporte seriam os mais adequados para a sua comunicação? Depende! Depende de seus propósitos comunicativos. Se, por exemplo, você quisesse convidar a todos os membros da sua família e amigos, próximos ou distantes, de forma rápida e barata, para o seu casamento, uma boa opção seria enviar um convite digital pela internet (e-mail ou alguma rede social). Nesse caso, o gênero textual “convite” poderia circular virtualmente, de forma criativa.

No exemplo acima, a formatação, composição, estilo e modos de leitura do gênero são definidos por seu suporte material de circulação. Se você mudasse de ideia e preferisse enviar um convite de casamento impresso, por correio, o gênero seria modificado e, obviamente, sua forma de recepção também. Isso indica que o sentido de um texto está na relação entre o contexto que o circunda e o suporte no qual é veiculado, o que vai definir tanto o seu modo de produção como o de leitura.

DOMÍNIOS DISCURSIVOS DE CIRCULAÇÃO DOS GÊNEROS

Diante do exposto, compreende-se que os gêneros textuais são objetos empíricos, que exercem uma função sociocomunicativa e se constituem como prática linguística e social, permitindo, inclusive, situar o discurso a

partir da fala que o autoriza ou situar as palavras a partir do seu contexto enunciativo, segundo Maingueneau (2013). Além disso, é importante destacar que eles são produzidos e circulam em espaços sociais diversos, denominados esferas da atividade humana ou domínios discursivos, como o instrucional, jornalístico, religioso, da saúde, comercial, industrial, jurídico, publicitário, do lazer, interpessoal, militar, ficcional (MARCUSCHI, 2008).

Essas instâncias de produção, circulação e recepção dos gêneros textuais nos ajudam a decidir o que devemos “produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos”, como declaram Koch e Elias (2011, p. 54). É por isso que, ao atender o telefone, não declamamos um poema, nem gritamos “goooooolllll” em uma cerimônia religiosa, tampouco contamos piadas em funerais. Cada prática social solicita um gênero textual específico.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 24-25, grifo do autor),

Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. [...] Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhes são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

Cada domínio discursivo abriga, então, uma variedade de gêneros, orais e escritos, que apresentam semelhanças entre si, e essa variedade contribui para que possamos entender a dinâmica dos textos que são produzidos e circulam em nosso cotidiano. Deste modo, entendemos que os textos são sempre elaborados tendo como modelo algum gênero textual, que se insere em uma determinada esfera ou instância comunicativa, na qual exerce uma função social. Tome como exemplos o processo criminal, o inquérito policial, a intimação, o habeas corpus e a petição, gêneros textuais exclusivos do domínio jurídico e que não aparecem em outros domínios, sendo, portanto, institucionalmente marcados.

Para que você tenha uma ideia dos gêneros textuais pertencentes aos domínios discursivos instrucional, jornalístico, publicitário e ficcional, nas modalidades oral e escrita da língua, apresentamos parte do quadro formulado por Marcuschi (2008):

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha	conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas
	catalográfica; memorial; <i>curriculum vitae</i> ; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; certificado de especialização; certificado de proficiência; atestado de participação; epígrafe	em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamentos
JORNALÍSTICO	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; carta ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; <i>cartoon</i> ; caricatura; enquete; roteiros; errata; charge programação semanal; agenda de viagem	entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícia de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo
PUBLICITÁRIO	propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas; avisos; necrológios; <i>outdoors</i> ; inscrições em muros; inscrições em banheiros; placas; endereço postal; endereço eletrônico; endereço de <i>internet</i>	publicidade na tv; publicidade no rádio
FICCIONAL	épica – lírica – dramática; poemas; diários; contos; mito; peça de teatro; lenda; parlendas; fábulas; histórias em quadrinhos; romances; dramas; crônicas; roteiro de filme	fábulas; contos; lendas; poemas; declamações; encenações

Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p. 194-196).

No quadro apresentado, chamamos a atenção para o domínio discursivo instrucional ou acadêmico. Dos quatro domínios elencados, você pode observar que esse é o mais produtivo. São diferentes gêneros escritos e orais produzidos e consumidos nesse ambiente e exigidos nas mais diversas situações comunicativas, com objetivos particulares.

GÊNEROS TEXTUAIS DO DOMÍNIO ACADÊMICO

A universidade é uma instituição educacional e de pesquisa voltada para a formação profissional de nível superior e para a produção e divulgação do conhecimento, assumindo, assim, importante papel na sociedade.

Esse compromisso com o desenvolvimento e a socialização do saber exige que sua comunidade (alunos, professores e pesquisadores) apresente produtividade intelectual, a qual, segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 13), “é medida pela produtividade na publicação”, muito impulsionada pela cultura do “**Publique ou pereça!**” (Publish or perish!), como meio de assegurar espaço intelectual e profissional.

Ver glossário no final da Aula

Nesse contexto, são produzidos gêneros textuais exclusivos, que visam a comunicação de saberes entre os membros da mesma comunidade. Há uma diversidade deles, como apresentado no quadro elaborado por Marcuschi, mas alguns desses gêneros representativos da esfera acadêmica são mais recorrentes que outros, como o resumo, a resenha e o artigo científico.

O resumo, ou abstract, tem como objetivo sintetizar as informações de um texto integral, chamando a atenção do leitor para a abordagem do tema, o modo como o texto foi elaborado e as ideias a ele subjacentes.

Com a finalidade de resumir e avaliar um livro, a resenha acadêmica apresenta referências sobre um livro recentemente publicado, seu autor, seu conteúdo e sua organização, avaliando a relevância da obra para sua área de conhecimento e a qualidade e inovação de sua contribuição.

O artigo científico visa discutir, apresentar e divulgar os resultados, parciais ou finais, obtidos em uma pesquisa científica, que pode ter sido elaborada a partir de um problema ou de uma revisão da literatura sobre um determinado tema de uma área específica.

Você, enquanto estudante universitário, é exposto constantemente a esses gêneros, sendo chamado a lê-los e a produzi-los. Portanto, para que você possa se inserir efetivamente no espaço acadêmico, é imprescindível que se aproprie desses gêneros textuais, acostumando-se com suas particularidades composicionais e estilísticas e suas funções sociais. Contudo, observa-se que, ao ingressar no ensino superior, uma nova realidade lhe é apresentada, um universo sociocultural, linguístico, discursivo e pragmático que lhe causa estranhamento e dificuldades. É assim que Souza (2012, p. 156) afirma e questiona: “Os textos acadêmicos [...] não pertencem às práticas de letramento dos alunos antes de estes ingressarem na universidade. Tendo

isso em conta, como esperar de nossos alunos proficiência de leitura e escrita de gêneros textuais que nem sequer (re)conhecem?”

É certo que ler e escrever no âmbito acadêmico-científico são tarefas intelectuais bastante complexas, que requerem uma série de exigências que você, antes de ingressar na universidade, desconhecia, como:

[...] analisar o que outros disseram sobre um tema, estabelecer relações semânticas no interior do seu próprio texto como também entre diversos textos; constituir-se em um observador agudo e analítico que possa tomar distância de sua postura pessoal, considerar o tema dentro de um marco ou sistema conceitual mais amplo e fundamentar suas asserções.” (KLEIN, 2007, p. 10, tradução nossa).

Ademais, o discurso acadêmico possui características peculiares:

- Sua função primordial é gerar um novo conhecimento a partir de conhecimentos formulados anteriormente.
- Tem como público-alvo integrantes da comunidade acadêmica (alunos, professores e pesquisadores), que se inserem na mesma área do conhecimento.
- Supõe a representação de um leitor que conhece o tema.
- Os conceitos centrais abordados devem ser claramente definidos, assim como a fundamentação teórica desde a qual se abordará o problema tratado.
- É caracterizado pelo rigor científico: linguagem clara, objetiva e impessoal; apagamento das marcas do sujeito que escreve (valorativas, apreciativas ou afetivas) e da primeira pessoa do singular, utilizando-se, ao contrário, a terceira pessoa do singular e a primeira do plural; remissão às fontes consultadas mediante o discurso reportado (citações diretas e paráfrases) e o uso de linguagem técnica.

Nesse sentido, esta disciplina apresenta uma contribuição para sua inserção nas práticas de linguagem próprias do espaço acadêmico-científico, de modo a alcançar o letramento acadêmico.

CONCLUSÃO

Retomamos, aqui, a discussão da primeira aula da disciplina sobre a importância da linguagem enquanto capacidade de comunicação própria da espécie humana. A linguagem é, portanto, tudo o que permite a nossa comunicação, verbal (oral e/ou escrita) e não verbalmente; é o meio pelo qual expressamos nossas ideias, desejos e sentimentos, compartilhamos informações e conhecimentos e influenciemos os outros.

Especificamente quanto à comunicação verbal, destacamos que ela só se realiza mediante gêneros textuais, tipos de enunciados relativamente estáveis presentes em nossa vida cotidiana, caracterizados por conteúdos temáticos, composicionais e estilísticos que os distinguem. São produzidos, recepcionados e circulam em espaços sociais particulares, denominados domínios ou esferas do discurso, os quais definem o propósito comunicativo de cada gênero que lhe pertence e o modo como devemos produzi-los textual e linguisticamente. Apontamos também para o fato de que um mesmo conteúdo, associado a diferentes suportes materiais de circulação, define gêneros diferentes.

Por fim, destacamos as especificidades do contexto enunciativo acadêmico, no qual são produzidos e circulam diversos gêneros, mais frequentemente, para além das monografias avaliativas das disciplinas, os resumos, as resenhas e os artigos científicos.



RESUMO

Esta aula teve como objetivo principal levar o/a estudante a reconhecer a presença da linguagem em todos os contextos sociais da vida dos seres humanos, que, como naturalmente comunicativos, sempre buscam interagir com seus semelhantes, seja através da oralidade e/ou da escrita, seja através de recursos não verbais, como gestos, cores, sons, desenhos, imagens estáticas ou em movimento etc. Considerando especificamente a linguagem verbal, ressaltamos que ela só é possível por meio de gêneros textuais, isto é, “textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). São formas de inserção sociocultural que atendem a funções comunicativas diferentes e circulam em contextos sociais também diferentes, os chamados domínios discursivos ou esferas das atividades humanas. Esses domínios propiciam o surgimento de discursos bastante específicos e de gêneros textuais também específicos, que atendem a uma demanda comunicativa. Pretendemos levar o/a discente a compreender também que o conteúdo temático e a estrutura composicional e estilística (ainda que flexível) de um gênero atende a essas diferentes instâncias sociais em que se dá a sua produção, recepção e circulação, a exemplo dos gêneros acadêmicos, produções discursivas próprias do universo científico-acadêmico. As dificuldades de inserção nesse ambiente, que se devem à complexidade das práticas de leitura e escrita de textos especializados, requer por parte dos estudantes universitários o desenvolvimento de novas competências e habilidades.



ATIVIDADE FINAL

Caro/a aluno/a, realize a atividade final desta aula, intitulada “Letramento acadêmico e gêneros textuais”, disponível no AVA/Moodle.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao terminar esta aula, sou capaz de definir gêneros textuais, compreender sua natureza sociocomunicativa e identificar sua presença em todas as esferas da atividade humana? Consigo estabelecer a relação entre gênero, seu contexto de produção e o suporte no qual está inserido? Eu entendo que os gêneros são práticas sociais e linguísticas e podem exercer diferentes funções a partir do domínio discursivo em que são produzidos e circulam? É possível, para mim, reconhecer o ambiente acadêmico como lugar de produção do conhecimento e de um discurso bastante peculiar, no qual transitam gêneros textuais específicos?

Caso você não tenha conseguido responder a algum desses questionamentos, volte aos conteúdos apresentados e refaça as atividades propostas.



PRÓXIMA AULA

A próxima aula é um espaço para que você possa conhecer e produzir os gêneros acadêmicos resumo e resenha.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra; notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Tradução: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. Tradução: Ivanir Alves Calado. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- KLEIN, Irene. Prólogo. In: KLEIN, Irene (coord.). **El taller del escritor universitario**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- SOARES, Magda. A necessidade de ler. **Revista TV Escola**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância/MEC, n. 24, ago./set. 2001, p. 35-39.
- VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade**: fundamentos. São Paulo: Parábola, 2019.

GLOSSÁRIO

Dominique Maingueneau (1950) – É linguista e professor da Universidade Paris IV-Sorbonne, além de pesquisador no Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communications (CÉDITÉC) e membro do Institut Universitaire de France. Atua, principalmente, no domínio da tradição francesa de análise do discurso, a partir das abordagens de Michel Foucault, da pragmática e das teorias da enunciação. Interessa-se pelas “aforizações” e pelos discursos que legitimam práticas sociais (religioso, literário, filosófico, científico, pornográfico etc.), uma vez que considera a inseparabilidade do texto e do contexto social de sua produção e circulação. Dentre a sua obra, destacam-se, com tradução em língua portuguesa: **Novas tendências da Análise do Discurso** (1989), **Análise de textos de comunicação** (2001), **Dicionário de análise do discurso** (2004 – organizado juntamente com Patrick Charaudeau), **Cenas da enunciação** (2006), **O discurso pornográfico** (2010), **Frases sem texto** (2014) e **Discurso e análise do discurso** (2015).

Letramento acadêmico – É um conjunto de práticas de linguagem próprias da cultura acadêmica. Diz respeito aos modos de falar, ler, interpretar e escrever no ambiente universitário, que se diferenciam dessas mesmas práticas fora da universidade. Está relacionado com os diversos usos dos gêneros textuais que circulam no meio acadêmico, como monografias, resumos, resenhas, artigos, palestras, seminários etc.

Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965) – Foi um linguista dinamarquês, professor da Universidade de Copenhague. Juntamente com um grupo de colegas, fundou, em 1931, o Círculo Linguístico de Copenhague, sob inspiração do Círculo Linguístico de Praga (1926), com a finalidade de discutir problemas teóricos e metodológicos relativos à Linguística. Dentro da corrente estruturalista, desenvolveu, em parceria com Hans Jorgen Uldall, a teoria da Glossemática (1935), a qual reelabora a noção de signo proposta por Saussure, ao considerar que ele possui três níveis: matéria, substância e forma, e não somente dois: forma e substância. Seu trabalho foi fundamental para a construção da Semiótica moderna. Seus principais trabalhos são: **Princípios de gramática geral** (1928), **Ensaio linguístico** (1941) e **Prolegômenos a uma teoria da linguagem** (1943).

Magda Becker Soares (1932) - É educadora e professora titular emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da mesma universidade. Configura-se como uma das maiores representantes, no Brasil, dos estudos relativos à alfabetização e ao letramento. Tem atuado como consultora da rede municipal de educação, em Minas Gerais. É autora de diversos livros, como: **Linguagem e Escola** (1986), **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento** (1989), **Letramento: um tema em três gêneros** (1998), **Alfabetização** (2001), **Português: uma proposta para o letramento** (2002), **Alfabetização e letramento** (2003) e **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever** (2020). Em 2017, recebeu o prêmio Jabuti de melhor livro de não-ficção do ano com a obra **Alfabetização: a questão dos métodos**. Destaca-se também em sua obra a publicação de livros didáticos de língua portuguesa, adotados nas escolas brasileiras dos anos 1970 a 1990.

Publique ou pereça!/ Publish or perish! – Expressão que se refere à necessidade de publicação nas universidades, especialmente por parte de docentes e discentes vinculados a programas de pós-graduação, como forma de manter os níveis de produção do conhecimento científico.

Roger Chartier (1945) – É historiador, pesquisador da École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor do Collège de France, em Paris. Nascido em Lyon, na França, Chartier vincula-se à historiografia da Escola dos Annales e, atualmente, é considerado um dos maiores especialistas do mundo em história da cultura, com destaque para a história do livro, da edição e da leitura. De sua vasta obra publicada, destacamos: **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII** (1992), **A aventura do livro: do leitor ao navegador** (1998), **Práticas da leitura** (2001), **Os desafios da escrita** (2002), **Formas e sentidos: cultura escrita: entre distinção e apropriação** (2003), **Leituras e leitores na França do Antigo Regime** (2004), **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)** (2007) e **A mão do autor e a mente do editor** (2014).